

# TRABALHO DE CAMPO, TEORIA E CONSTRUÇÃO DA ETNOGRAFIA

Desarrollo em metodologías y producción / análisis de datos

GT 16- Metodologia e epistemologia das ciências sociais

Mariana Mendes de Moura, Milena Freitas Machado, Renata Freitas Machado.

## Resumen:

A abordagem antropológica possui como premissa básica a convivência e a interação com as pessoas que pretendemos trabalhar e compreender, diferente da sociologia e da ciência política. O trabalho do antropólogo não se caracteriza apenas por uma transcrição do conhecimento do nativo, mas sim um diálogo desse conhecimento (*emic*) com o conhecimento do pesquisado (*etic*). Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é discutir, a partir das premissas apresentadas acima, a teoria e a construção da etnografia com base no trabalho de Márcio Goldman e FavretSaada. Foi realizada uma revisão de algumas discussões clássicas sobre o trabalho de campo e o fazer antropológico, a partir das primeiras incursões de Malinowski tomando como base a análise feita por Mariza Peirano.

**Palavras-chave:** antropologia, etnografia, trabalho de campo.

## 1 – INTRODUÇÃO

Até o século 20, os trabalhos de campo eram realizados através do método conhecido como antropologia do gabinete ou antropologia de varanda, no qual os nativos eram enfileirados no exterior de uma casa, geralmente, de um oficial ou missionário, e aguardavam serem convocados para recolha de dados etnográficos. O trabalho realizado por Malinowski nas Ilhas Trobiand, no início do século XX, rompe com a tradição dos antropólogos de gabinete e consolida o método etnográfico.

Malinowski (1975) defendia que para a realização de um bom trabalho de campo o antropólogo precisava adotar os seguintes critérios: ter um contato direto e mais estreito com os nativos; isolar os nativos do contato com os homens brancos; e acompanhar continuamente a vida na tribo para a apreensão dos fenômenos cotidianos, visto que questionar o nativo sobre regras gerais era quase impossível, mas está presente no momento de uma ocorrência real o estimularia a expressar opinião sobre o fato. Apesar de Malinowski não mencionar o termo observação participante, a noção apresentada acima, bem como outras considerações em seu estudo levam a crer que este método estava presente em seu trabalho. “Apreender o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, compreender sua visão do seu mundo” (MALINOWSKI, 1975, p. 60-61), compõem o modelo ideal de uma etnografia.

“Historicamente ficou comprovado que, anterior ao trabalho de campo realizado nas ilhas Trobiand, WH Rivers já havia explicitado muito dos pressupostos de Malinowski”(PEIRANO, 1995). Apesar disso, foram as incursões de Malinowski que ganharam visibilidade modificando o fazer antropológico, centrado agora no ponto de vista do nativo. Desde então, a etnografia tem sido alvo de críticas que, de acordo com Peirano (1995), parecem ter forte ressonância no passado. No Brasil, teme-se que a etnografia possa favorecer o relaxamento do rigor metodológico das ciências sociais, enquanto que nos Estados Unidos reclama-se um esforço comparativo (PEIRANO, 1995). Nesse sentido, a autora indaga que a etnografia é, essencialmente, comparativa por contrastar o ponto de vista do antropólogo ao do nativo.

Na década de 1960, profetizava-se o desaparecimento da pesquisa de campo por recusa do nativo que passou a ser cidadão de nações independentes. No entanto, Lévi-Strauss enfatiza que o principal objeto da etnografia são as diferenças e essas dificilmente desaparecerão (PEIRANO, 1995).

Outros questionamentos metodológicos reaparecem, a exemplo da reflexão sobre o que se passa lá, para o que se diz aqui, questionamento trazido, principalmente, por Clifford Geertz. “É no ato de escrever que a questão do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000 p.25). Geertz separa duas etapas na investigação, o estando lá e o estando aqui. O olhar e o ouvir fazem parte da etapa do “estando lá”, e o escrever do “estando aqui”. Para Cardoso de Oliveira (2000), no processo da escrita ocorre uma textualização da cultura nativa, um processo de interpretação da cultura, balizada pelas categorias básicas ou pelos conceitos da disciplina.

## 2. TRABALHO DE CAMPO

É a partir do diálogo entre o conhecimento nativo e o conhecimento do pesquisador que se compõe o trabalho do antropólogo. Através da simetria desses conhecimentos que se constrói a etnografia. Nesse sentido, Peirano(1995, p.08) afirma: “As impressões de campo não são, portanto, apenas recebidas pelo intelecto, mas exercem um verdadeiro impacto na personalidade total do etnógrafo, fazendo com que diferentes culturas se comuniquem na experiência singular de uma única pessoa”.

Segundo Roy Wagner (2010), não se inventa a cultura (inventar no sentido de desnaturalizar) para o outro sem contra inventar a cultura para si. Nessa perspectiva, Peirano (1995) aponta a conversão religiosa de alguns antropólogos, o que “parece indicar que a antropologia favorece, em determinadas pessoas e em determinados contextos, uma reestruturação da visão de mundo”. Para esta autora, na antropologia, a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve.

[...] o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas. Se é verdade que técnica e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada, quando desafia os conceitos estabelecidos pelo confronto que se dá entre (i) a teoria e o senso comum que o pesquisador leva para o campo e (ii) a observação entre os nativos que estuda. (PEIRANO, 1995, p. 08)

Peirano (1995) também afirma que não há como propriamente ensinar a fazer pesquisa de campo, pois apesar de existir um modelo “ideal”, assim como algumas rotinas comuns, não há uma norma ou regra que sirva como baliza para a pesquisa de campo.

## 3. SER AFETADO

Nessa seção será apresentado o trabalho do autor Márcio Goldman que traz outra forma de compreender o trabalho de campo que leva em consideração a experiência. A teoria etnográfica está ancorada, principalmente, na concepção que não seriam apenas culturas diversas o objeto da antropologia, mas sim mundos diferentes. Sendo a alteridade a noção ou questão central da disciplina, Goldman aponta:

A antropologia é um dos lugares destinados pela razão ocidental para pensar a diferença ou para explicarracionalmente a razão ou desrazão dos outros. Desse ponto de vista, ela é, sem dúvida, parte do trabalho milenar da razão ocidental

para controlar e excluir a diferença. Por outro lado, e, entretanto, o próprio fato de dedicar-se à diferença nunca é desprovido de consequências e, em lugar de simplesmente digeri-la, a antropologia foi capaz de valorizar essa diferença, sempre foi capaz de ao menos tentar apreendê-la sem suprimi-la, pensá-la em si mesma, como ponto de apoio para impulsionar o pensamento, não como objeto a ser simplesmente explicado – explicação que, aliás, acaba por deter a própria marcha do pensamento. (GOLDMAN, 2006, p.163)

Para compreensão dessa premissa, o autor relata sua *experiência* pessoal, como antropólogo, frente à *alteridade*. Por solicitação da Mãe de Santo do terreiro de Candomblé em que realizava a pesquisa no município de Ilhéus, no interior da Bahia, Goldman transportou os objetos pessoais da filha de santo (falecida) para despacho dos assentamentos<sup>1</sup> nas margens de um rio. No momento em que os objetos foram jogados no rio, o autor ouviu o som de atabaques, que no primeiro momento, o fez acreditar que ali próximo poderia haver um terreiro ou simplesmente algum ensaio de bloco afro. Ao relatar para o filho da Mãe de Santo o acontecido, este lhe informou que também ouvira o mesmo som há alguns anos atrás naquele mesmo local quando fizera o despacho para sua Avó, antiga mãe de santo do terreiro. Em outro momento, Goldman foi informado que ouvir os tambores era um bom sinal, pois significava que os mortos estavam satisfeitos com o espírito e/ou as oferendas.

A questão para Goldman não era acreditar ter ouvido os tambores dos mortos ou dos vivos, ou mesmo questionar se o nativo acreditava ou não, o que realmente importava era ter sido afetado por algo que também afetava o nativo.

A expressão “ser afetado” aparece, inicialmente, no trabalho de campo realizado pela antropóloga Jeanne FavretSaada sobre a feitiçaria no Bocage francês. A experiência de campo leva a autora não só a reconsiderar a noção de afeto, mas, principalmente, a repensar a antropologia, e nesse sentido colocar em suspensão o método da observação participante. Nessa perspectiva, Saada (2005) afirma que os antropólogos parecem combinar dois gêneros de comportamento no campo da feitiçaria, no primeiro, o trabalho com informantes pagos, em que o antropólogo interroga e observa, dando a ideia de ser nativo quem participa do trabalho do etnográfico e não o contrário. No segundo, a observação de eventos cuja participação é, apenas, uma tentativa de estar lá (FAVRETT SAADA, 2005). É nesse sentido que a autora põe em suspensão a observação participante iniciada por Malinowski.

No primeiro momento, os nativos recusavam as investidas da autora no campo, com o tema feitiço não sendo sequer comentado. “Foi apenas quando alguém diagnosticou que a etnógrafa fora pega pela feitiçaria que passou a fazer algum sentido falar com ela” (GOLDMAN, 2005, p.02). A experiência pessoal vivenciada pela autora significou de fato ser afetada por algo que afeta os nativos, todavia, com percepções e sensações distintas deles.

A noção de afetação trazida pela autora difere da ideia de empatia, cuja acepção é “experimentar de uma forma indireta, as sensações, percepções e pensamentos do outro” (FAVRETT-SAADA, 2005, p5). Apresenta-se também de maneira diferente de ser afetado pelas mesmas forças que afetam o nativo; identificar-se com o outro. Para a autora ser afetado possibilita, principalmente, estar no lugar acessível a uma comunicação involuntária e desprovida de intencionalidade que, na maioria das vezes, é descartada nas etnografias. Nessa perspectiva, Goldman (2006) aponta que o afeto não é o mesmo no antropólogo e nos nativos, mas por estarem todos afetados cria-se uma situação de comunicação interativa.

---

<sup>1</sup> Fundamento no qual a Mãe de Santo ou Pai de Santo desfaz-se de todos os pertences ritualísticos do defunto iniciado.

As considerações trazidas pela autora sofrem ao mesmo tempo um processo de admiração e recusa (GOLDMAN, 2005). O livro *Le mots, lamort, lesorts* (resultado dessa etnografia) parecer ter sido, segundo a autora, objeto do que Benjamim denominava de “incompreensão entusiasta”, onde é possível admirar sem imitar (FAVRET-SAADA, 2005).

Geertz (1997), ao indagar sobre qual a melhor maneira de conduzir uma análise antropológica e estruturar seus resultados, tece críticas ao que ele considera ser uma “empatia espiritual”. Para o autor “o truque é não se deixar envolver por nenhum tipo de empatia espiritual interna com seus informantes” (GEERTZ, 1997, p.88). Em suma, “é possível relatar subjetividades alheias sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos de outros seres humanos” (GEERTZ, 1997, p. 106). Dito de outra maneira, a compreensão dos informantes independe que o antropólogo tenha a experiência ou a sensação de estar sendo aceito (GEERTZ, 1997).

Apesar de Geertz afirmar não defender a falta de sensibilidade, suas considerações soam de maneira pouco sensível para compreender as subjetividades do nativo, principalmente, quando a temática diz respeito à religiosidade. De que maneira impedir ou fingir não ter ouvido os tambores dos mortos (ou dos vivos)? Ou como não ser afetado por algo que também afeta o nativo? E por fim, de que maneira não ser sensível a tudo isso?

## CONSIDERAÇÕES

A aproximação pesquisador/informante através da experiência de ser afetado contribui significativamente para o trabalho de campo, pois não é o tempo em campo que vai influenciar a relação do antropólogo com o nativo, como Malinowski defendia. O pesquisador sempre será um intruso na comunidade e, por isso, obter algumas informações torna-se muito difícil.

Sendo assim, as considerações de Favret-Saada Goldman contribuem de maneira muito significativa para o trabalho de campo. Ser afetado, que é completamente diferente de colocar-se embaixo da pele do outro, é uma forma de compreender o trabalho de campo através da experiência que permite diminuir a distância entre o pesquisador e o interlocutor. Dentre outras contribuições, a concepção de experiência trazida pelos autores coloca em suspensão o método de observação participante por ser um conceito muito ocidental e ao mesmo tempo extremamente racionalista.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Cap1, p.17-36.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Revista Cadernos de Campo. Vol. 13, n. 13, 2005. Tradução de Paula Siqueira. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos\\_de\\_campo/vol13\\_n13\\_2005/cadernos\\_de\\_campo\\_n13\\_155-161\\_2005.pdf](http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol13_n13_2005/cadernos_de_campo_n13_155-161_2005.pdf). Acesso em: 25 de julho de 2011

GEERTZ, C. Do ponto de vista dos nativos.” In: **O Saber Local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOLDMAN, Márcio, **Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica**. Etnográfica, vol X(I), 2006, p.161 -173.

GOLDMAN, Márcio. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos**. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista Antropologia, São Paulo, v. 46, n.2, 2003.p. 446-476.

GOLDMAN, Márcio. **Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia.** Revista Cadernos de Campo, n 13. 2005. p. 149-153.

GOLDMAN, Márcio. **Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnografia.** Revista Ponto Urbe. Ano 2, versão 3.0, julho de 2008. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/pontourbe03/Goldman.html>. Acesso em: 25 de julho de 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. “Objeto, método e alcance desta pesquisa.” In: ZALUAR, A. (org) **Desvendando máscaras sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, p.39-62.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia.** UNB: Série Antropologia 130,1995. P. 01-21.

PEIRANO, Marisa. **Os antropólogos e suas linhagens.** RBCS n. 16, ano 6, julho de 1991, p. 43-50.

WAGNER, Roy. “Introdução”; “A presunção da cultura” e “A cultura como criatividade”. In\_ **A invenção da cultura.** São Paulo, Cosa&Naify, 2010, p. 13-74.